

Morre a poetisa Cora Coralina

Banco de Dados

Do correspondente em Goiânia

A escritora e poetisa Cora Coralina, eleita a Intelectual do Ano de 1984, pela União Brasileira dos Escritores, morreu às primeiras horas da madrugada de ontem, aos 95 anos, no Centro de Terapia Intensiva do Hospital São Salvador, de Goiânia, onde estava internada desde a véspera em consequência de uma forte gripe, problemas pulmonares e cardíacos.

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, que começou a escrever poesia aos 14 anos, enfrentando a oposição da família, e se tornaria conhecida como Cora Coralina, foi velada na capela do cemitério Jardim das Palmeiras por escritores, políticos, amigos e familiares. Viúva, ela deixa quatro filhos, dezessete netos e 29 bisnetos. Como era desejo da poetisa, seu corpo foi conduzido a Goiás Velho, sua cidade natal e antiga capital do Estado, onde foi sepultado no cemitério São Miguel, na tarde de ontem.

Filha de um desembargador, Cora nasceu a 20 de agosto de 1889. Seu primeiro livro, "Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais" só foi publicado em 1965, pela José Olympio Editora, quando a autora tinha 77 anos. Depois, foram lançados "Meu Livro de Cordel", "Histórias da Casa Velha da Ponte" e "O Vintém de Cobre — Meias Confissões de Aninha" — este, com memórias da infância, é também uma espécie de ajuste de contas com os preconceitos do início do século e as tentativas, da família e da sociedade, de impedi-la de exercer sua vocação literária ("Lá em casa havia muito castigo. E também nas escolas, nos quartéis, na roça. Era o ranço do cativoiro", dizia ela). Mesmo assim, publicou contos e poemas em jornais e revistas goianos, ao mesmo tempo em que ganhava fama de melhor doceira do Estado de Goiás, com especialidades que atravessaram o Atlântico, chegando à Riviera Francesa e à Itália.

Casa da Ponte

Em 1911 casou-se com o paulista, Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas — que a conheceu através dos poemas publicados — e mudou-se



Escritora desde os 14 anos, contra a vontade da família, Cora só teve seu primeiro livro editado aos 77 anos

para Avaré, depois Jaboticabal, no interior de São Paulo, onde viveu durante 45 anos e onde nasceram seus filhos. Aos 65 anos ficou viúva, retornando a Goiás Velho e à Casa Velha da Ponte, ou seja a casa de sua infância, ao lado da primeira das três pontes sobre o rio Vermelho, hoje tombada pelo Patrimônio Histórico. Ali, ela havia travado seu primeiro contato com a poesia: "Eu não sabia ler, mas já gostava de poesia. O que me ajudou muito a leitura foi uma folhinha de parede. Na frente, tinha a data, horóscopo, fases da lua e, no verso, umas quadrinhas. Eu era louca por aquelas quadrinhas".

Cora Coralina, segundo Carlos Drummond de Andrade "a pessoa mais importante de Goiás", recebeu em 1982 o Troféu Jaburu, concedido pelo Conselho Estadual de Cultura, e

em 1984 o Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano, uma promoção apoiada pela Folha. Ainda em 84 entrou para a Academia Goiana de Letras.

Em sua última entrevista à imprensa, concedida na semana passada, sua maior preocupação era com a saúde do presidente Tancredo Neves: "Com o seu internamento, o País parou, ninguém faz mais nada, ninguém inicia nada. Isso porque só existem duas preocupações em todos nós, que é na verdade uma única: a recuperação do doutor Tancredo. Esse homem constitui a esperança de todo o povo sofrido e mal assistido." Disse ainda: "O medo que nós temos é o da volta ao que já passou. Isto é o que nós temos medo."

Para o governador de Goiás Iris Rezende, 49, que compareceu ao

velório de Cora Coralina, a escritora "marcou época e representou muito bem o Estado de Goiás na vida cultural brasileira; sua vida literária servirá de exemplo e incentivo às atuais e futuras gerações". Resende recebeu ontem telegrama do ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira, que afirma: "Cora Coralina foi uma expressão maior da pura poesia e sua obra e exemplo representam singular contribuição da alma goiana ao patrimônio espiritual do Brasil"

O prefeito de Goiânia, Nion Albernaz, neto da poetisa, lembrou sua "visão crítica, muito aguçada: seus poemas têm poucas palavras, mas cada palavra uma grande força de expressão". E para o presidente da Academia Goiana de Letras, Ursulino Leão, Cora Coralina "é a voz feminina de maior expressão da atual poesia brasileira".